



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

DIGNOS HERDEIROS DA NACIONALIDADE: UM DISCURSO NO GRUPO ESCOLAR BARÃO DE CEARÁ-MIRIM E O NASCER DO ESCOTISMO PARA UMA CIDADE¹⁹⁹

Iury Gabriel Amorim de Araújo

Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Educação da UFRN

E-mail: iurygabriel@ufrn.edu.br

Azemar dos Santos Soares Júnior²⁰⁰

Prof. Dr. no Departamento de Práticas Educacionais e Currículo da UFRN

E-mail: azemarssoares@hotmail.com

Resumo: Esse trabalho tem por objetivo analisar a implementação do escotismo na cidade de Ceará-Mirim, no estado do Rio Grande do Norte, a partir da instalação do *Centro Regional de Escoteiros de Ceará-Mirim – CRECM*, no *Grupo Escolar Barão de Ceará-Mirim* a partir do ano de 1946, sendo então o primeiro Grupo Escoteiro criado na cidade. O escotismo no Rio Grande do Norte teve seu início no ano de 1917, servindo de proposta de educação extraescolar, em consonância com a legislação nacional desde o ano de 1928. Aos poucos, se espalhou pelo estado, por meio da criação de Associações Escoteiras e dos Centros Regionais de Escoteiros, sendo estas diferentes nomenclaturas e formas para instalação de grupos de escoteiros no estado, que por sua vez estavam vinculados à *União dos Escoteiros do Brasil*. Metodologicamente, analisamos o discurso de criação do escotismo na referida cidade, a forma como esta instituição foi caracterizada e exaltada e a identificar quais os jovens que a mesma se propôs a atender. Debrucei-me então à leitura do *Livro de Têrmos e Atas de Promoções* no período que vai de 1946 a 1956; a *Caderneta de matrícula e diaria* do referido grupo escolar. Nesse documento, foi registrado em sua primeira página a *Ata de Creação do Escotismo no Grupo Escolar*

¹⁹⁹ Pesquisa financiada pela CAPES

²⁰⁰ Orientador. Professor do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFRN). Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB). E-mail: azemarssoares@hotmail.com





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

“*Barão de Ceará-Mirim*” principal item para análise, junto dos registros de matrícula do CRECM. Para discussão da temática, me amparo nos estudos de Azemar dos Santos Soares Júnior (2015), Iranilson Buriti de Oliveira (2017) e Marta Carvalho (2003), que tecem análises sobre o escotismo/escoteirismo enquanto instituição formadora e modeladora de uma juventude alinhada a ideais republicanos que exigiam uma formação para o desenvolvimento físico, moral e cívico, uma docilização dos corpos e mente dos jovens escoteiros. Com isso, percebe-se então que esta instituição atuou paralelamente ao Grupo Escolar da cidade tendo como pressuposto anunciado na sua criação de ser um suporte fundamental para formação moral e incentivadora de um nacionalismo patriótico, de forma em que contribuísse também para que os escoteiros passassem a tomar a sua formação escolar e extraescolar como elementos de sua responsabilidade e enquanto compromisso para com o seu próprio desenvolvimento.

Palavras-chave: Escotismo, Grupo Escolar, corpo.

Introdução

Era 11 de agosto do ano de 1946. Um dia de solenidade no salão principal do *Grupo Escolar Barão de Ceará-Mirim*, localizado no centro da cidade de Ceará-Mirim-RN. Renuíram-se naquele espaço os escolares, professores, autoridades locais e demais visitantes para um evento que marcaria a criação de uma nova instituição educativa naquela cidade que, por sinal, viria a funcionar no mesmo edifício que abrigava o referido grupo escolar. Claro, não seria, pois, uma escolha aleatória, estava-se anunciando num importante espaço educacional formal da cidade a instalação da solenidade de abertura para a criação do Escotismo na cidade, por meio da criação do *Centro Regional de Escoteiros de Ceará-Mirim-CRECM*²⁰¹. Como forma de documentação desse momento singular, lavrou-se a ata no *Livro de Têrmos e atas de promoções do Grupo Escolar Barão*

²⁰¹ Centro Regional, Confederação, federações ou Associação de Escoteiros eram denominações existentes até então para criação de núcleos/grupos de escoteiros.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

de *Ceará-mirim (1946-1956)*, em que se registrou o momento enquanto “[...] acontecimento de relevante valor” para os ceará-mirineneses.

Passei então neste trabalho a analisar a criação do escotismo nessa cidade a partir do discurso de criação lavrado desta sessão solene, junto também dos registros de matrícula do CRECM, em busca de compreender quais características lhe foram atribuídas, como fora exaltada e, por fim, a identificar quais os jovens que se tornaram público alvo de seu atendimento. Para tanto, amparo-me nas concepções apresentadas por Iranilson Buriti e Andressa Leandro (2017) que trata do escotismo enquanto uma organização de caráter extraescolar criada para complementar a educação formal nos estabelecimentos de ensino. Logo, o escotismo estava sendo criado para promover atividades concomitantes às atividades do Grupo Escolar onde foi instalado, visando consolidar práticas impregnadas do discurso político, educacional e cívico que estava sendo disseminado na época. Importava, pois, nesse cenário a promoção de uma disciplina moral, física e intelectual dos jovens. Toma, portanto, importância nesse sentido o estudo de Azemar Soares Júnior (2016) em que compreende o escotismo/escoteirismo como uma modalidade esportiva nas escolas que visou formar corpos disciplinados e fisicamente vigorosos enquanto parte da formação dos escolares.

Propus-me a tecer uma compreensão sobre o discurso observado a partir desses escritos, percebendo-os como uma tentativa de projetar tais preceitos à juventude ceará-mirinense. Bem como um gesto instaurador para demonstrar as contribuições do escotismo para com a tão divulgada promoção da ordem e da disciplina, tal como nos afirma Marta Carvalho (2003) era necessário fazer-se ver o novo, enquanto aspecto fortalecedor, positivo. Nessa ótica era necessário então criar um rito inaugural que refletisse e atribuísse tal importância e renome ao Escotismo.

Nesse artigo, que se caracteriza também como uma contribuição para as discussões acerca do escotismo no Brasil, em especial no Rio Grande do Norte, apresentei e analisei as características atribuídas às práticas educativas exaltadas no discurso e registradas nos documentos citados. Prossegui identificando dados sobre os escolares e não escolares que foram matriculados no CRECM durante os seus três primeiros anos de atividade (1946-1948), de forma a perceber ainda as propensas contribuições dessa instituição sobre as





demandas escolares desses educandos. Para então tecer minhas considerações finais compreendendo a projeção de uma educação moral, intelectual, física e cívica por meio do escotismo na cidade e sua ideia de colaboração para com a educação formal na localidade enquanto promotora de práticas disciplinares.

O início de um discurso: reverências ao escotismo e seu fundador.

A cerimônia de instalação do *Centro Regional de Escoteiros de Ceará-Mirim* demonstrou ter contado com as palavras de entusiastas ao escotismo que se fizeram presentes. Assinavam a ata o prefeito da cidade, profissionais da saúde, da segurança e professores. Referendavam no notariado o fundador do movimento escoteiro, de forma a se fazer compreender: “[...] o valor desta excelente instituição que o general inglês Roberto Baden-Powell, numa feliz iniciativa fundou na Inglaterra em 1906 (mil novecentos e seis) e que se acha hoje difundida pelo mundo inteiro” (GRUPO ESCOLAR BARÃO DE CEARÁ-MIRIM, 1956, p.1).

Expunham e registravam dessa forma louvor e graças à criação, pelo general inglês aposentado Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, conhecido também por muitos escoteiros pelo apelido B-P, que na Inglaterra no ano de 1907 realizou um acampamento experimental com 21 rapazes para por em prática atividades que sugeria em seus livros de educação e adestramento de rapazes e assim inaugurava o Escotismo; *Aids to Scouting* traduzido em português como “*ajuda à exploração militar*” foi um dos livros de Robert Baden-Powell bastante difundido entre escolas masculinas inglesas. Esse não foi o único livro instrutivo por ele produzido. Fruto de sua experiência no acampamento experimental, que foi realizado no Canal da Mancha, mas especificamente na conhecida Ilha de Brownsea, publicou em fascículos o livro *Scouting for Boys*, com tradução para *Escotismo para rapazes*, onde assumiu a nomenclatura e técnicas enquanto escoteiras (BADEN-POWELL, 2008). O livro proporcionou a multiplicação das suas ideias por varias partes do mundo, a ponto de que em 6 de agosto de 1920 escoteiros de diversos países se reuniram em Londres e aplaudiram-no aclamando-o como Chefe Escoteiro Mundial, como





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

apresenta a *União dos Escoteiros do Brasil* (2014). Passou-se então a construir-se uma imagem de B-P como um herói para os escoteiros.

O escotismo era então apresentado naquele discurso enquanto “[...] escola de educação moral, física e cívica, ‘extraordinária oficina moral de onde saem milhões de rapazes cheios dos mais nobres ideais e de energias físicas adestradas sadiamente para a vitória da vida’” (GRUPO ESCOLAR BARÃO DE CEARÁ-MIRIM, 1956, p.1), dava-se então excelências às utilidades daquela instituição que iria passar a atuar junto do Grupo Escolar da cidade. Seria, pois o escotismo, à ótica dos administradores escolares, uma proposta que iria proporcionar melhorias nos rapazes para que fossem preenchidos com os ideias comuns à educação escolar republicana que projetava uma educação para preparação de sujeitos viris e saudáveis dentro de um modelo de educação corporal que combatesse as moléstias que poderiam ameaçar o corpo e mente. Percebo que se anunciava pois que o seio daquelas instituições educativas seriam uma combinação que geraria o “lugar mais fecundo dos ensinamentos médicos e higiênicos” como nos demonstra Azemar Soares Júnior (2016, p. 878).

Como descrito em Baden-Powell (2006), o escotismo proporcionaria adestramento aos rapazes buscando educá-los sobre aspectos do caráter, da saúde e do vigor, das habilidades manuais e da destreza, do serviço ao próximo e utilizando-se também de cerimônias de promessas e de comprometimento para com seu próprio desenvolvimento. Registrou-se também que os locais e autoridades presentes na cerimônia em seus discursos demonstravam apoiar o escotismo e estimavam para que seus elementos passassem a ser desenvolvidos por meio do CRECM: “[...] os ilustres oradores além de focalizarem valôr desta instituição tiveram palavras de felicitações e encorajamento ao primeiro grupo de escoteiros desta cidade” (GRUPO ESCOLAR BARÃO DE CEARÁ-MIRIM, 1956, p.1).

Apresentou-se assim aquela instituição a qual bons votos desejavam-se. Um início solene exaltado e de identificação e referenciação da instituição pelo valor educacional que lhe era atribuído, pela sua repercussão internacional e pelos valores disciplinares que pregava. Era então uma maneira de ilustrar e convencer a população presente de que o escotismo viria proporcionar inúmeras melhorias para a vida dos rapazes que fossem escoteiros. Visto isso, indaguei-me então sobre para quem seriam destinados esses anseios.





Quem seria o público-alvo do CRECM e por qual motivo? Uma possível resposta a esta questão daria, portanto, indícios da compreensão daqueles sujeitos, que se propuseram à criação do escotismo a cidade, sobre a relevância do tema para a formação de alguns jovens. Como também sobre uma percepção de que aqueles jovens necessitavam ser impregnados dos preceitos previamente enunciados e exaltados.

Herdeiros da glória da nacionalidade: o escoteiro a ser formado e um futuro a usufruir.

O discurso de criação do CRECM afirmava ainda que seria necessário que os escoteiros “[...] seguissem na íntegra o seu código e se tornassem deste modo homens cumpridores do seu dever” (GRUPO ESCOLAR BARÃO DE CEARÁ-MIRIM, 1946, p.1). O código escoteiro era então “uma forma de lapidar seu caráter, de fazer lembrar que é fazendo o bem que se atingia certo grau de educação e civilidade” (SOARES JR., 2017, p. 879), pois uma “mente forte representava a moral, o corpo vigoroso e a saúde” (SOARES JR, 2017, p. 879). Tais elementos estavam presentes nas referências escoteiras que apresentavam uma diversidade de condutas que eles deveriam seguir.

Deveriam tornar-se fortes para servir ao seu país. Aliás, é com palavras de projeção que apresentavam no Brasil o livro “*Guia do escoteiro*” que entregue para compor a biblioteca do Grupo Escolar estampava em sua capa o grito de guerra: “Pelo futuro do Brasil”. Nesta obra, o Velho Lobo²⁰² (1932) descreveu elementos tais como: o fazer-se escoteiro com sua vida seguindo seus códigos, a forma de organização do grupo escoteiro, as vestimentas escoteiras, as formas como deveriam saudar-se utilizando de sinais que representavam seus deveres, como organizar e respeitar as cerimônias com uso dos símbolos da pátria, técnicas de orientação, excursões, marchas, higiene, acampamentos e demais atividades escoteiras e uso e organização dos diferentes materiais necessários.

²⁰² Velho lobo era o pseudônimo utilizado por Benjamin de Almeida Sodré nas obras escoteiras que escrevia, foi um almirante da marinha do Brasil (1955), jogador da seleção brasileira de futebol (1910-1916), maçom e escoteiro fundador do 4º Grupo Escoteiro do Rio de Janeiro e presidente da União dos Escoteiros do Brasil, se configurou um idealizador no escotismo brasileiro, sobre o qual se dedicou desde meados da década de 1920.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Percebo então, que essa literatura escoteira descrevia, através desse conjunto de elementos, um jovem (do sexo masculino) com vestimentas escoteiras, em postura reta física e moral, apoiado nos seu bastão ou totem de patrulhas de escoteiros, bem calçado protegendo seus pés por seu coturno e meião à altura do joelho, protegido do sol com seu chapelão, vestido numa indumentária que lhe permitia flexibilidade para correr, saltar, escalar, marchar, e ainda cobrando-lhe que olhasse à para frente, inspirando a sensação de estar almejando seu futuro, bem equipado e preparando um futuro homem forte para seguir adiante em suas atividades pelo bem do seu país e pelo exemplo que iria transpor para a sociedade. Com isso o *Guia do escoteiro* idealizava um escoteiro completo, que seria aquele que aprendesse todas as orientações e técnicas escoteiras necessárias para ser destacar socialmente.

Nesse sentido, completavam a ata de criação do Escotismo na cidade de Ceará-Mirim afirmando que é nos escoteiros que “[...] o Brasil possa depositar confiança e esperar que, pela sua energia e valôr, sejam ‘dignos herdeiros da glória da nacionalidade’” (GRUPO ESCOLAR BARÃO DE CEARÁ-MIRIM, 1946, p. 1). Ou seja, os escoteiros eram percebidos como um “vir a ser”, desfrutariam no futuro o resultado de suas “boas práticas”, os resultados da obediência, a não punição, o que seria possibilitado por meio de uma boa aprendizagem dos costumes e condutas proporcionadas pela formação nos moldes do escotismo paralelo também à formação escolar. Como suscita Iranilson Oliveira e Andressa Leandro (2017, p. 165) o escotismo configurou-se como uma “estratégia para inculcar a ideia de formação do cidadão nacional: viril, forte, saudável, disciplinado e patriótico, ou seja, o escotismo foi utilizado para adestrar a infância”.

E para dar início a esse processo de preparação dos jovens para um “futuro glorioso” em seu país, matricularam no CRECM, 47 meninos entre 1946 a 1948. Suas idades variavam entre 9 a 16 anos. Desse total, 35 escoteiros residiam em ruas situadas no centro urbano de Ceará-Mirim e que também correspondia às proximidades da rua do prédio do Grupo Escolar. Eram elas ruas perpendiculares, como a rua São João, a Praça Barão de Ceará-Mirim, ou ruas paralelas como as ruas General João Varela (a principal rua da cidade) ou a Rua Meira e Sá. O que indica que eram escoteiros os meninos que estavam residindo no Centro da cidade, que correspondia também à maior probabilidade de serem





de família com melhores condições financeiras, o que ajudaria para manutenção desses jovens na instituição, que demandava vestimentas exclusivas como os uniformes escoteiros, por exemplo. E, também, significaria maior possibilidade de frequência devido estarem residindo próximo daquela instituição para participar das atividades escoteiras. Assim, passo a problematizar as razões que levaram essas crianças a serem selecionadas como escoteiros, e quais outros elementos poderiam ser percebidos além dos já suscitados.

O aluno repetente: é necessário disciplinar

Em busca de identificar possíveis motivos para escolha de um número de específico de escoteiros passei a atentar olhares aos registros de matrículas do CRECM. Foi necessário então realizar uma operação de desordenarão daqueles dados e observá-lo em busca de dados que sugerissem algum silenciamento ou pista. Na caderneta de matrícula da CRECM encontrei uma série de dados dos alunos que descreviam desde seu endereço, nome de seu pai e sua idade. Realizei então um cruzamento de dados entre a respectiva caderneta e o *Termo de exames* do Grupo Escolar Barão de Ceará-Mirim do do ano de 1946, 1947 e 1948 presentes no *Livro de termos e atas de promoções*, que possui registros dos anos entre 1946-1956. Neste termo estavam descritos os alunos matriculados e frequentes, turma por turma do ano de exame (1956).

No desenvolver da análise do documento um outro dado chamou atenção. Ao comparar ambos os registros, foi possível identificar que 36 dos meninos matriculados para serem escoteiros eram alunos do próprio *Grupo Escolar Barão de Ceará-Mirim*. Mas qual seria o elemento diferenciação daqueles alunos quanto aos demais? Recorri então a observar novamente a caderneta de matrículas e iniciei transcrevendo a lista de escoteiros por relação com sua turma. Os dados obtidos foram que 8 meninos eram alunos de turmas do 1º ano, 13 eram alunos de turmas de 2º ano, 6 eram alunos de turmas de 3ª ano, 6 eram alunos da turma de 4º ano e 3 eram alunos da turma do 5º ano. Quanto aos demais 11 escoteiros, não estavam registrados enquanto alunos do Grupo Escolar, ou seja, eram externos, possivelmente alunos de outras escolas.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Mas o problema residiria não na turma a qual era oriundo, mas no fato de terem na mesma série alunos com disparidades de idades, a ponto de que os alunos/escoteiros no 1º ano variavam com idades entre 10 e 15 anos de idade, no 2º ano entre 10 e 16 anos, no 3º ano, entre 12 e 17 anos, no 4º ano entre 11 e 15 anos e no 5º ano entre 11 e 14 anos de idade. Ou seja, foram selecionados, em sua maioria, os alunos repetentes, os alunos que estavam em idade adversa ao ensino primário e também matricularam em alguns casos, os seus irmãos. Quanto aos demais escoteiros, ainda não foi possível o encontro de documentos que possibilitassem analisá-los. Mas, aos escolares este era um elemento de tensão a ser resolvido. Tentar transformá-los em escoteiros foi então uma medida tomada.

Uma vez escoteiro noviço/iniciante, o menino seria sujeito então a um processo de disciplinarização, que iria se tornar permanente por toda sua vida escoteira. Nesse sentido, compreendo esse processo inspirado nas palavras de Michel Foucault (2014, p.135) que explica que esta seria uma “arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente”. Nesse sentido, os alunos retardatários, quanto a sua idade para o ensino primário seriado, estariam sujeitos agora a um conjunto de atividades complementares, extraescolares que deveria contribuir para que superasse aquele “defeito”, aquela insubordinação disciplinar, ao mesmo tempo em que os com idade regular estariam já sendo moldados para não seguirem os exemplos de seus irmãos ou amigos reprovados. Isso faz compreender que se demonstrou naquele momento que era necessário superar a figura de uma juventude reprovada. Por isso, recorreu-se a submeter os alunos repetentes nos moldes de uma “anatomia política” por meio de uma *cultura escoteira*, como explica Iranilson Oliveira e Andressa Leandro (2017), de modo que passassem a se tornar mais obedientes e concentrados na tarefa de desenvolver-se pelo futuro do Brasil. Demonstrava-se um propósito de expurgar a imagem de uma juventude fraca intelectualmente, fisicamente e moralmente.

O discurso impunha a “necessária missão” de transformar os jovens escoteiros em sujeitos que bem representassem o avanço da nação, que se comprometessem em eliminar o mal da sua reprovação escolar, que se tornassem vigorosos por meio de atividades





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

físicas, por meio de constantes marchas e exercícios, de cuidados com o corpo e por meio de práticas saudáveis de higiene e asseio. Era necessário ainda transfigurar a imagem aluno fracassado, repetente, indisciplinado, em um escoteiro responsável pelo seu desenvolvimento, obediente aos seus superiores (pais, professores e autoridades políticas), respeitosos aos símbolos da Pátria e aptos a servi-la. Era então um discurso que previa um processo de esquadrinhamento e desarticulação do corpo irregular para recompô-lo na óptica de uma “anatomia escoteira”. Nesse sentido a expressão escoteiro vai além de um mero explorador do mundo, configura-se enquanto idealização dos educadores da época enquanto sujeito leal a seus direitos e deveres cívicos, morais, físicos e intelectuais para que se tornasse cada vez mais útil para a sociedade que lhe demandava esforços para construir uma nação que prosperasse diante das suas dificuldades, que demonstrasse sua força e poder de constituidora de um tempo de promoção da “paz” e do respeito por meio da subordinação, do disciplinamento, representado ainda por uma "figura masculina ideal", concordo então com Iranilson Oliveira e Andressa Leandro (2017, p.154), quando afirmam que “o escotismo ‘invade’ a Região Nordeste num momento em que esta necessitava de referenciais de masculinidade para a sua sociedade. O escotismo passou então a representar uma forma para construção de uma masculinidade inculcada na juventude desde a infância.

Considerações finais

Ao analisar a criação do Escotismo na Cidade de Ceará-Mirim/RN por meio do discurso de criação notariado, paralelo a outros documentos como cadernetas de matrícula, livros escoteiros e ideais expostos pelo escotismo, percebi que a criação do CRECM fora anunciado para servir enquanto instrumento de recuperação dos escolares e também para contribuir com a criação de alicerces para sustentação de uma juventude, mais especificamente dos meninos, com maior responsabilização pela sua formação intelectual, moral, cívica e física. Demonstrava que era necessário que o centro da cidade fosse composto por figuras masculinas alinhadas aos ideais preconizados pela educação daquele





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

tempo, pautada nos ideais do homem republicano obediente ao sistema de governo e alerta para servi-lo ao invés de prestar resistência, indisciplina ou inutilidade. O discurso preconizava, portanto, uma juventude incompleta, que deveria ser formada, disciplinada para que fosse possível desfrutar de um futuro saudável, o que seria possibilitado pela sua imersão nas práticas escoteiras. Estudar sobre o escotismo fundado junto a uma instituição escolar é ainda destacá-lo enquanto parte da história educacional dessa cidade potiguar.

Referências

BADEN-POWELL, of Gilwell Lord. **Escotismo para rapazes**: um manual de instrução em boa cidadania por meio das artes mateiras - Edição da Fraternidade Mundial. Curitiba: Escritório Nacional da União dos Escoteiros do Brasil, reedição 2006, reimpressão 2008.

BADEN-POWELL, of Gilwell Lord. **Guia do Chefe Escoteiro**: teoria do adestramento Escoteiro - um subsídio para a tarefa dos Escotistas - 7ª Edição. Curitiba: Reproset Indústria Gráfica, Abril de 2006.

CARVALHO, Marta M.C. A dívida republicana. A escola modelar. O freio do progresso. A reforma moral e intelectual. In: A escola e a República e outros ensaios. Bragança Paulista: EDUSF, 2003, p. 8-38.

GRUPO ESCOLAR BARÃO DE CEARÁ-MIRIM. Livro de Termos e atas de promoções de 1956 a 1965. Ceará-Mirim, 1946.

GRUPO ESCOLAR BARÃO DE CEARÁ-MIRIM. Livro de Termos e atas de promoções de 1946 a 1956. Ceará-Mirim, 1946.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, I. B. DE; LEANDRO, A. B. DE F. Associação dos Escoteiros do Alecrim. Revista Educação em Questão, v. 55, n. 45, p. 152-175, 13 set. 2017.

SOARES JÚNIOR, A. S. Crianças escouths: o escoteirismo e a preleção aos corpos fortes e sadios na Paraíba (1930-1940). In: XVII Encontro Estadual de História - Anpuh-PB., 2016, Guarabira. XVII Encontro Estadual de História da Anpuh-PB. História: conhecimento e profissão. João Pessoa: CCTA. Mídia Gráfica e Editora, 2016. p. 877-882.

U.E.B. **Curso Preliminar**: linhas dirigente institucional e escotista. Curitiba: Escoteiros do Brasil, 2014, 4.ed.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

VELHO LOBO. **Guia do Escoteiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1932.

